

EI, PROFESSORA! VAMOS CONVERSAR?

Relações Étnicos-Raciais
na Educação Infantil



Gleide Ferreira de Jesus
Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito



EI, PROFESSORA! VAMOS CONVERSAR?

**Relações Étnicos-Raciais
na Educação Infantil**

Autoras

Gleide Ferreira de Jesus
Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito

Co-autoras

Ana Caroline Bispo de Souza
Cacilda Silva Santos
Daniella Abigail de Paula Moreira
Diana Silva Batista Araújo
Edna Carvalho Marques
Flávia Mara Mota Serrano Fusquine
Hélia Ruas Meira de Oliveira
Ilma Novais de Souza Eler
Ilmara Silva Santos
Jozilene Carvalho Soares
Laiane Santos de Oliveira
Lilian Thompson Silva
Luciana Cruz de Oliveira Carmo
Madson Gonçalves
Viviane de Souza Nunes

EI, PROFESSORA! VAMOS CONVERSAR?

**Relações Étnicos-Raciais
na Educação Infantil**

Araraquara
Letraria
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jesus, Gleide Ferreira de

Ei, professora! Vamos conversar? Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil [livro eletrônico]/ Gleide Ferreira de Jesus, Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito. Araraquara, SP: Letraria, 2025.

PDF.

Vários coautores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-158-5

1. Antirracismo 2. Educação infantil 3. Educação inclusiva
4. Prática de ensino 5. Prática pedagógica 6. Professores - Formação 7. Relações étnico-raciais I. Brito, Eliana Póvoas Pereira Estrela. II. Título.

25-319950.0

CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil : Diretrizes pedagógicas: Educação 371
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI: [10.5281/zenodo.17815165](https://doi.org/10.5281/zenodo.17815165)

| SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O QUE É A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (ERER) NA EDUCAÇÃO INFANTIL?	11
Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03	13
1.1 A presença do racismo na primeira infância	13
1.2 A ERER como prática cotidiana	13
O papel político da professora das infâncias	14
CAPÍTULO 2: AS RODAS DE CONVERSAS COMO DISPOSITIVOS FORMATIVO, DIALÓGICO E ANTIRRACISTA	15
2.1 Dialogicidade como fundamento político da roda	17
2.2 O caráter antirracista do dispositivo	17
CAPÍTULO 3: MOVIMENTOS DAS RODAS: CAMINHOS PARA O ACONTECER DAS RODAS DE CONVERSAS	19
CAPÍTULO 4: INSPIRAÇÕES PARA RODAS DE CONVERSAS: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
4.1 Roda 1 – Infâncias, território e raça: o que vemos e o que silenciamos?	24
4.2 Roda 2 – Materialidades antirracistas: livros, bonecas, espaços e gestos que falam	26
4.3 Roda 3 – O racismo que as crianças revelam: conflitos, falas e brincadeiras	28
4.4 Roda 4 – Práticas antirracistas na Educação Infantil: do currículo à ação	29

CAPÍTULO 5: O REGISTRO COMO MEMÓRIA, ESTUDO E TRANSFORMAÇÃO	31
CAPÍTULO 6: AVALIANDO O ENCONTRO: SENTIDOS, FEEDBACKS E ENCAMINHAMENTOS	33
CAPÍTULO 7: QUANDO A RODA NÃO TERMINA: NOTAS DE FECHAMENTO	35
PRÁTICAS TECIDAS NAS RODAS	37
SOBRE AS AUTORAS	45
REFERÊNCIAS	47

| APRESENTAÇÃO

Prezadas professoras, prezados professores,

A educação infantil é o primeiro espaço coletivo onde as crianças aprendem sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. É nesse ambiente que se constroem os pilares da convivência, da empatia e da justiça. Por isso, convidamos vocês a refletirem sobre o papel transformador da escola na valorização de todas as infâncias, especialmente aquelas que historicamente foram invisibilizadas, como as infâncias negras e indígenas.

Ser educador ou educadora antirracista é reconhecer que nem todas as crianças vivem a infância da mesma forma. Crianças racializadas enfrentam barreiras simbólicas e concretas desde muito cedo: são menos representadas nos livros, nos brinquedos, nas histórias, são mais frequentemente alvo de estereótipos, de exclusão e de silenciamentos.

Ao adotarmos uma perspectiva antirracista, estamos dizendo que todas as infâncias importam e que nenhuma será deixada para trás. Estamos construindo uma escola onde cada criança possa se ver, se reconhecer e se sentir segura para ser quem é.

Isso exige de nós sensibilidade, estudo, escuta e ação. Exige que revisitemos nossas práticas, que ampliemos nossos repertórios culturais, que criemos ambientes que celebrem a diversidade e que enfrentemos, com coragem, os desafios que o racismo impõe.

Este guia não pretende ser um manual fechado ou um conjunto de regras a serem seguidas à risca. Ele se propõe como um parceiro de caminhada, um apoio para inspirar, provocar reflexões e oferecer caminhos possíveis. Cada escola, cada turma, cada educador tem sua realidade e é a partir dela que as práticas antirracistas podem ganhar vida, sentido e potência.

Que este material seja fonte de diálogo, de construção coletiva e de escuta ativa. Que ele possa ser adaptado, ampliado e recriado conforme as necessidades e os sonhos de cada comunidade escolar. Mais do que um documento, que ele seja um convite permanente à transformação.

Acolher todas as infâncias é garantir que a escola seja um espaço de afeto, de liberdade e de pertencimento. É permitir que cada criança negra, branca, indígena, quilombola, cigana, periférica possa viver sua infância com dignidade, alegria e potência.

Que este convite seja um chamado à transformação. Que possamos ser educadores e educadoras que não apenas ensinam, mas que também aprendem com a riqueza das infâncias diversas. Que sejamos ponte, abrigo e impulso para um futuro mais justo e plural.

Vamos juntas?



| INTRODUÇÃO

A Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Infantil constitui um compromisso ético, político e formativo estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Esse compromisso parte da compreensão de que crianças pequenas vivem experiências marcadas pelas diferenças raciais, que influenciam suas relações, modos de ver o mundo e sentidos de pertencimento desde muito cedo. Educar, na primeira infância, significa reconhecer que não há neutralidade possível: toda prática pedagógica afirma ou nega identidades, produz ou combate desigualdades, visibiliza ou silencia histórias.

Ao acompanhar encontros formativos com professoras e coordenadoras, tornou-se evidente que trabalhar a ERER ultrapassa a dimensão curricular. Exige estudo, postura crítica, consciência política e disposição para rever práticas cotidianas, palavras, gestos, escolhas pedagógicas e silenciamentos historicamente produzidos. A formação docente, nesse processo, assume centralidade. Como afirma **Nilma Lino Gomes**, uma educação comprometida com a justiça racial depende de educadoras e educadores capazes de confrontar o racismo, reconhecer suas formas mais sutis e reconstruir práticas que historicamente inferiorizaram populações negras e indígenas. A professora **Petronilha Gonçalves Silva** reforça que a formação docente é condição para que a escola se torne espaço de transformação social, capaz de romper com desigualdades profundamente enraizadas. **bell hooks** lembra que ensinar é sempre um ato político, e que professoras precisam assumir-se como sujeitos engajados na luta contra sistemas de opressão. **Paulo Freire**, por sua vez, nos alerta de que “ensinar exige a coragem de lutar contra injustiças”, e essa coragem se traduz na formação permanente, crítica e situada.

Este guia é destinado às professoras da Educação Infantil, às coordenadoras pedagógicas, às gestoras e a todas e todos que atuam na educação de crianças pequenas. Seu objetivo é **oferecer inspirações**, e não modelos: **sugerir caminhos**, e não receitas; **provocar reflexão**, e não padronizar procedimentos. Trata-se de uma ferramenta formativa que propõe a organização de rodas de conversa como dispositivos dialógicos e antirracistas capazes de ativar reflexões profundas sobre raça, infância, território, práticas pedagógicas e política educacional.

A justificativa para este material está na necessidade urgente de fortalecer processos formativos contínuos que rompam com práticas racializadas naturalizadas na educação, superem o mito da inexistência do racismo na educação infantil e que ofereçam às crianças pequenas experiências pedagógicas que afirmem suas identidades, reconheçam suas histórias e celebrem suas potências. A ERER não pode ser episódica, restrita a datas comemorativas ou tratada como complemento curricular; ela deve atravessar o cotidiano, informar decisões, transformar ambientes, orientar práticas de cuidado e organizar modos de narrar o mundo para as crianças.

Ao propor quatro rodas de conversa como inspiração, este guia convida cada instituição a criar suas próprias formas de organizar os encontros, respeitando suas especificidades, desafios, demandas e tempos. Cada roda apresentada aqui é apenas uma possibilidade entre muitas que podem existir; cada instituição pode adaptá-las, ampliá-las ou reinventá-las conforme sua realidade. O que importa é sustentar espaços de estudo, escuta e diálogo capazes de produzir deslocamentos, enfrentar o racismo, fortalecer identidades e inspirar novas práticas de cuidado e educação.

Assim, este guia não busca normatizar procedimentos, mas fortalecer uma ética da conversa, da presença e da responsabilidade coletiva. Ele propõe, sobretudo, que a formação docente seja assumida como prática permanente e necessária para a construção de uma Educação Infantil antirracista, sensível ao território, comprometida com a vida e com a dignidade de todas as crianças. É um convite a conversar profundamente sobre aquilo que estrutura nossa sociedade e atravessa nossas salas todos os dias. É um convite a transformar. É um convite a cuidar. É um convite a resistir, juntas, para que a escola seja espaço de afirmação, justiça e humanidade.



CAPÍTULO 1

O QUE É A EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) constitui um eixo estruturante do currículo da Educação Infantil brasileira desde a promulgação da Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008. Mais do que cumprir uma legislação, a ERER afirma um compromisso ético e político com a valorização das identidades negras e indígenas, com a superação do racismo estrutural e com a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a centralidade da diferença, da ancestralidade e da pluralidade cultural na formação das crianças pequenas.

Na Educação Infantil, a ERER deve ser compreendida como um direito inegociável: direito das crianças de terem suas histórias reconhecidas, de verem seus traços afirmados, de se perceberem representadas nos espaços, nos materiais, nas interações e narrativas que organizam o cotidiano das creches e pré-escolas. Trata-se de um fazer pedagógico que exige atenção à materialidade da sala, mas também e sobretudo às subjetividades, discursos, gestos, afetos e expectativas que as professoras constroem em relação às crianças.

SAIBA MAIS



GELEDÉS
INSTITUTO DA MULHER NEGRA

EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI 10.639/03

1.1 A PRESENÇA DO RACISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Diversas pesquisas em psicologia social, educação e sociologia demonstram que as crianças percebem diferenças raciais desde muito cedo e também aprendem a hierarquizá-las, num país onde os corpos negros e indígenas historicamente foram colocados em posições de subalternização. Nas creches e pré-escolas, isso se expressa na distribuição desigual de afeto e atenção, nas escolhas de quem protagoniza brincadeiras ou histórias, nos adjetivos usados para nomear cabelos, peles e traços, nas expectativas de comportamento e desempenho, na ausência de referências negras e indígenas nos livros, materiais e brinquedos e nas falas de crianças que reproduzem discursos do mundo adulto. Ignorar essas manifestações é reforçar o racismo. Reconhecê-las é o primeiro passo para combatê-lo.

Acompanhe **AQUI** o relatório “Panorama da Primeira Infância: o que o Brasil sabe, vive e pensa sobre os primeiros seis anos de vida”, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, uma pesquisa de opinião pública sobre as percepções, conhecimentos e práticas dos brasileiros em relação à primeira infância realizada com o Datafolha.

<https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/panorama-da-primeira-infancia-o-impacto-do-racismo/>

1.2 A ERER COMO PRÁTICA COTIDIANA

A ERER não se realiza em projetos únicos, em datas comemorativas ou em ações pontuais. Ela exige uma postura contínua, alinhada a uma concepção de criança como sujeito histórico, político, cultural e produtor de saberes. Isso implica: selecionar livros com protagonismo negro e indígena, planejar experiências estéticas que valorizem grafismos afro-indígenas, organizar o ambiente com bonecas, instrumentos, adereços e materiais plurais, garantir que as brincadeiras não reforcem estereótipos, construir projetos que valorizem as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, escutar e registrar como as crianças vivenciam as diferenças, enfrentar situações de racismo com intencionalidade educativa.

O PAPEL POLÍTICO DA PROFESSORA DAS INFÂNCIAS

A professora da Educação Infantil ocupa um lugar estratégico na construção de práticas antirracistas. Seu corpo, sua fala, seus gestos, seus silêncios e sua forma de organizar o cotidiano são marcadores pedagógicos. No campo da ERER, ela atua como: mediadora das interações; curadora dos materiais; narradora e ouvinte de histórias; pesquisadora de seu território; criadora de ambientes plurais; agente político no enfrentamento ao racismo.

Durante as rodas de conversa que compõem esta pesquisa, as professoras reconheceram que trabalhar ERER: gera desconfortos; exige estudo; demanda coragem; convoca a repensar práticas enraizadas, desloca olhares sobre crianças, famílias e comunidade. Mas também afirmaram que a ERER abre caminhos de fortalecimento identitário, pertencimento, autoestima e alegria para as crianças especialmente para aquelas que nunca se viram representadas.



CAPÍTULO 2

AS RODAS DE CONVERSAS COMO DISPOSITIVOS FORMATIVO, DIALÓGICO E ANTIRRACISTA

As rodas de conversas, amplamente utilizadas no campo educacional brasileiro, são compreendidas aqui como um **dispositivo formativo, dialógico e antirracista**. Diferentemente de um simples momento de troca ou bate-papo, a roda é um **método, um modo de produzir conhecimento, uma tecnologia social e uma estratégia política** de formação docente. De acordo com Bedin e Del Pino (2016, p. 1414), “são estratégias político-libertadoras, que favorecem a emancipação humana, política e social de coletivos historicamente excluídos”. Quando realizada com a intencionalidade antirracista, a roda desloca silêncios, evidencia desigualdades, convoca narrativas e produz encontros que fazem emergir experiências, conflitos, memórias e práticas que, de outra forma, permaneceriam invisíveis no cotidiano pedagógico.

As rodas de conversas como dispositivo formativo inspiradas nas formulações de Cecília Warschauer (2002) e ampliadas pela perspectiva crítica que atravessa este trabalho são compreendidas como um espaço-tempo privilegiado para a produção de saberes, para a escuta sensível e politizada e para a análise das práticas pedagógicas que estruturam o cotidiano da Educação Infantil. Mais do que um momento de conversa, ela se constitui como um campo formativo onde discursos naturalizados podem ser questionados e deslocados, permitindo que o grupo elabore coletivamente os impactos do racismo nas relações que atravessam a creche e as práticas docentes. A roda não é um complemento da formação, ela é o próprio lugar em que a formação ganha corpo, porque nasce do encontro entre as professoras, das diferenças que cada uma carrega, das palavras que são ditas e das escutas que se entrelaçam. É no movimento vivo da roda que emergem reflexões, tensões, aprendizagens e decisões que não surgiram de outra forma. A roda forma porque afeta, desloca e convoca as participantes a olharem para si, para as crianças e para a instituição com mais criticidade e responsabilidade. É nesse gesto coletivo de conversar e analisar a experiência que a formação se torna prática ética, política e transformadora.



2.1 DIALOGICIDADE COMO FUNDAMENTO POLÍTICO DA RODA

A roda se organiza na perspectiva da **dialogicidade freireana**, entendida não como conversa espontânea, mas como prática pedagógica comprometida com a transformação social. Paulo Freire ensina que o diálogo exige escuta, interpretação crítica, humildade, confronto de ideias, e, sobretudo, compromisso ético com a realidade do outro.

Ao colocar professoras, coordenadoras e pesquisadoras numa mesma dimensão horizontal, a roda “desnaturaliza hierarquias”, desloca práticas autoritárias e cria condições para que as participantes reflitam criticamente sobre suas ações e sobre o lugar que ocupam na luta contra o racismo na educação.

“[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1996, p. 39).

2.2 O CARÁTER ANTIRRACISTA DO DISPOSITIVO

Ao nomear a roda como **dispositivo formativo antirracista**, assumimos que o racismo é estrutural, ele se manifesta também na Educação Infantil. As práticas pedagógicas podem (e muitas vezes reproduzem) desigualdades e a formação docente é um dos campos de enfrentamento possível.

Dessa forma, as rodas: **nomeiam o racismo**, não o ocultam, não o suavizam, **criam espaços para que professoras relatem situações reais** vividas com as crianças, famílias e colegas, **mobilizam a reflexão sobre práticas**, discursos e escolhas pedagógicas, **produzem deslocamentos** nas compreensões sobre infância, currículo e território, fortalecem **um posicionamento ético e político** das professoras da infância.

Por que a Roda de Conversa é um dispositivo essencial para a ERER na Educação Infantil?

Porque a ERER exige estudo, posicionamento, enfrentamento de conflitos, coragem para superar o racismo, elaboração das práticas cotidianas, articulação entre saberes pessoais, profissionais e políticos. E isso não se constrói sozinho.

As rodas de conversas devolvem às professoras o direito e a responsabilidade de pensar coletivamente a educação antirracista. Elas criam um espaço em que as professoras não precisam estar prontas, o erro é matéria de reflexão, a fala é acolhida, a dúvida é uma potência, o cotidiano se converte em conteúdo formativo e a prática se transforma.

Por isso, ao longo deste guia, as rodas serão tratadas como dispositivos formativos dialógicos e antirracistas, e não como simples encontro de discussão.



CAPÍTULO 3

MOVIMENTOS DAS RODAS:
CAMINHOS PARA O ACONTECER
DAS RODAS DE CONVERSAS

As rodas de conversa não se limitam a um momento de fala e escuta, mas se constroem em movimento antes, durante e depois do encontro. Este capítulo apresenta caminhos para o acontecer das rodas, compreendido aqui como o processo vivo que se tece na preparação, na partilha e na continuidade das reflexões. Inspirar esse fazer é também reconhecer que cada roda de conversa tem seu ritmo, seu tempo e seu gesto próprio, atravessado pelas experiências de quem participa. Assim, os movimentos das rodas não indicam um modo fixo de realizar, mas um convite a experimentar, sentir e criar espaços de diálogo formativo e antirracista na educação infantil.

Antes da roda, é fundamental criar condições para que o diálogo aconteça de maneira honesta e segura. O grupo precisa saber qual é o tema do encontro, por que ele importa e o que se espera construir coletivamente. A mediadora explicita o objetivo formativo e organiza a pauta, que não é um roteiro rígido, mas um conjunto de provocações, perguntas e materiais que podem orientar a conversa. A pauta pode incluir situações reais vividas com as crianças, dúvidas trazidas pelas professoras, livros, imagens, vídeos ou relatos que ajudem a ativar a reflexão sobre a educação das relações étnico-raciais. O convite à roda também é um ato ético, pois sensibiliza o grupo para a importância de tratar o racismo de forma séria, sem julgamentos e com respeito à experiência de cada participante. O ambiente, idealmente circular, deve favorecer igualdade, escuta e horizontalidade. O local escolhido deve ser confortável e aconchegante, adaptado à rotina institucional e escolhido para garantir conforto e proximidade entre as participantes.

Durante a roda, o encontro se desenrola em três momentos integrados: abertura, desenvolvimento e fechamento. Na abertura, há acolhimento e apresentação do tema, reafirmando o compromisso com o respeito, o sigilo e o cuidado com as narrativas. Esse momento pode incluir dinâmicas, músicas ou brincadeiras que ajudem a aproximar as professoras e criar um ambiente de confiança. A mediadora apresenta o tema e sua intencionalidade e escolhe uma das participantes que ficará responsável por registrar os pontos principais do encontro.

O desenvolvimento é o centro político da roda. É quando emergem as situações, conflitos, dúvidas e experiências que ajudam o grupo a enxergar como o racismo estrutura práticas, olhares e decisões na Educação Infantil. A mediadora sustenta o diálogo, provoca aprofundamento e garante que o compromisso antirracista não seja abandonado diante de resistências ou desconfortos. Pode orientar o grupo por meio de perguntas que ajudem a analisar situações com as crianças, livros utilizados, conversas com famílias e escolhas curriculares. O diálogo, quando sustentado com coragem, faz emergir tensões e produz deslocamentos importantes para a formação.

No fechamento, o grupo produz uma síntese crítica do que foi vivido. As professoras são convidadas a pensar sobre o que aprenderam, o que as inquietou, o que foram capazes

de nomear e o que desejam transformar no cotidiano. Uma pequena escrita pessoal ajuda a organizar reflexões individuais, que depois alimentarão o registro coletivo. O fechamento também permite ao grupo assumir compromissos concretos e identificar temas para encontros futuros.

Depois da roda, o trabalho continua. O registro coletivo, chamado de Diário da Roda, é organizado pela secretaria e revisitado pela mediadora. Ele reúne os principais pontos discutidos, narrativas significativas, conflitos observados, ideias que surgiram e encaminhamentos para a prática. Esse diário não é um resumo neutro, é um documento político da formação, que revela o movimento do grupo e orienta os próximos passos. A mediadora analisa o material para identificar questões recorrentes, necessidades de estudo e temas que devem voltar em rodas futuras.

Os encaminhamentos pós-roda também fazem parte da formação. Eles podem gerar reorganização de materiais, revisão de livros e imagens utilizadas com as crianças, adequação de planejamentos, estudos individuais ou coletivos, conversa com famílias e ações pedagógicas voltadas para o enfrentamento ao racismo. Essa etapa reafirma que a formação não se encerra no encontro, mas continua no cotidiano da creche, nos gestos, nas escolhas e nas relações vividas com as crianças pequenas.



CAPÍTULO 4

INSPIRAÇÕES PARA RODAS DE CONVERSAS: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As quatro rodas de conversas propostas neste guia integram um percurso formativo voltado à construção de práticas antirracistas na Educação Infantil, articulam teoria, experiência e reflexão pedagógica. Não se trata de encontros isolados, mas de um processo progressivo, no qual cada roda aprofunda dimensões da ERER e tensiona as práticas cotidianas de professoras de educação infantil. Cada roda é compreendida como dispositivo formativo dialógico e antirracista, isto é, um espaço-tempo de produção de saberes, escuta ética, deslocamentos críticos e elaboração de novas compreensões sobre infância, currículo, raça e educação. Aqui apresentamos como inspiração a produção de quatro rodas de conversas formativas para a ERER.



RODA 1 – INFÂNCIAS, TERRITÓRIO E RAÇA: O QUE VEMOS E O QUE SILENCIAMOS?

Disparadores das conversas:

O que é Primeira Infância? Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal

Vídeo disponível em: <https://youtube.com/watch?v=ttJtRokJJlk&feature=youtu.be>

ou <https://youtu.be/ttJtRokJJlk?si=TwpOizEfrcgBfA-X>

Educação Infantil: Cuidar, Educar e Brincar – Unesp/Univesp.

Vídeo disponível em: https://youtu.be/wnrJzJCnAr8?si=_LwfSvJjGIxoaB-J

ARTIGOS SUGERIDOS:

1. Infância, raça e “paparicação” de Fabiana de Oliveira e Anete Abramowicz.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9VVgvj/?format=html&lang=pt>

2. No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Lucimar Rosa Dias e Denice Barbara Catani.

Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001586863>

3. Interculturalidade e infância indígena no contexto urbano: concepções de um grupo de professoras da Educação Infantil. Fernando Schlindwein Santino, Klinger Teodoro Ciríaco, José Henrique Prado.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/B3LCbXDcNRYFZRhb3WZCqjb/?format=html&lang=pt>

1. Objetivo formativo

Reconhecer como as professoras percebem as relações étnico-raciais no cotidiano da Educação Infantil e como o território de Porto Seguro atravessa as identidades das crianças pequenas.

2. Questões disparadoras

Quais infâncias existem no nosso território? Como crianças negras e indígenas são vistas, nomeadas e tratadas diariamente? Quais silêncios, evitamentos ou desconfortos temos ao falar de raça na Educação Infantil? Como o território de Porto Seguro marca nossas práticas e nossas crianças?

3. Materiais sugeridos: fotografias de crianças brincando, livros infantis que retratem infâncias diversas, mapas ou imagens do território de Porto Seguro, tiras com palavras disparadoras: pertencimento, identidade, cor, cabelo, nome, território.

4. Movimentos da roda

Escuta das professoras sobre suas experiências com raça na creche/escola. Identificação de situações reais que revelam manifestações de racismo. Reflexão sobre como o território influencia (ou não) a prática pedagógica.

5. Encaminhamentos possíveis

Revisão da ambientação das salas, inserção de materiais que representem a diversidade racial, registros reflexivos no diário da roda de conversa

RODA 2 – MATERIALIDADES ANTIRRACISTAS: LIVROS, BONECAS, ESPAÇOS E GESTOS QUE FALAM

Disparadores das conversas:

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=oXGtmtezFjo>

Brinquedos antirracistas | Inspira Fundo

O vídeo mostra a empresa **AMORAS**, um empreendimento voltado à produção de brinquedos e bonecas negras. No material, a fundadora relata sua trajetória, os sentidos que a motivaram a criar a marca e os desafios enfrentados enquanto mulher negra empreendedora. O vídeo também traz depoimentos de mães, pais e consumidores que destacam o impacto afetivo, identitário e pedagógico das bonecas negras na vida das crianças, especialmente no reconhecimento de si, na construção da autoestima e na valorização das identidades negras desde a primeira infância.

1. LITERATURA INFANTIL E REFLEXÕES ANTIRRACISTAS NO COTIDIANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA de Samara da Rosa Costa, Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias.

Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>

2. BONECAS NEGRAS: TRABALHANDO A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO LÚDICO de Ana Claudia Dias Ivazaki e Margareth Maria de Melo.

Disponível em: <https://encurtador.com.br/asHx>

3. VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Azoilda Loretto da Trindade.

Disponível em: <https://encurtador.com.br/hsJo>

1. Objetivo formativo

Analisar criticamente materiais pedagógicos e práticas cotidianas que podem reforçar ou combater o racismo na Educação Infantil.

2. Questões disparadoras

O que nossos livros mostram? Quem aparece? Quem é protagonista? Como organizamos os espaços e materiais? Eles afirmam ou apagam identidades negras e indígenas? Quais gestos cotidianos reforçam desigualdades raciais? Como bonecas, instrumentos musicais, imagens e brinquedos podem ser dispositivos de afirmação identitária?

3. Materiais sugeridos

Livros com e sem representatividade, bonecas negras e bonecas tradicionais, instrumentos percussivos (atabaque, agogô, chocalhos etc.), fotografias dos ambientes da escola.

4. Movimentos da roda

Leitura crítica coletiva de livros, artigos, textos.

Análise de imagens e ambientes.

Discussão sobre práticas de cuidado e afeto racializado.

5. Encaminhamentos possíveis

Criação de um *checklist* de materiais antirracistas; reformulação dos cantos da sala; indicação de livros e brinquedos que valorizem ancestralidades afro-indígenas.

RODA 3 – O RACISMO QUE AS CRIANÇAS REVELAM: CONFLITOS, FALAS E BRINCADEIRAS

Disparadores das conversas:

1. Racismo na educação infantil por Sueli Carneiro.

Disponível em: <https://encurtador.com.br/gTPE>

2. O mito da ausência de preconceito racial na educação infantil no Brasil de Circe Mara Marques e Leni Vieira Dornelles.

Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/12270/14228>

1. Objetivo formativo

Refletir sobre como crianças pequenas expressam, repetem ou tensionam discursos racializados, e como professoras podem intervir pedagogicamente.

2. Questões disparadoras

Que frases, gestos ou brincadeiras revelam questões raciais?

Como reagimos quando uma criança rejeita um colega por causa da cor da pele ou do cabelo?

Como as crianças reagem às bonecas negras? Como podemos transformar conflitos em oportunidades educativas?

3. Materiais sugeridos

Relatos reais trazidos pelas professoras, situações-problema escritas, cartões com falas de crianças (sem identificação, para preservar identidades).

4. Movimentos da roda

Partilhas de experiências marcantes.

Análise coletiva de conflitos concretos.

Discussão de estratégias de intervenção pedagógica antirracista.

5. Encaminhamentos possíveis

Construção de protocolos de intervenção antirracista.

Planejamento de atividades para fortalecimento da identidade.

Registro reflexivo sobre práticas que precisam ser revistas.

RODA 4 – PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DO CURRÍCULO À AÇÃO

Materiais disparadores das conversas:

1. Educação Infantil e Práticas Promotoras da Igualdade Racial.

Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/seb/pdf/publicacoes/educacao_infantil/revistadeeducacao infantil_2012.pdf

2. 30 conteúdos para a prática de uma educação antirracista. Lunetas.

Disponível em: <https://lunetas.com.br/serie/serie-educacao-antirracista/>

3. <https://www.instagram.com/cmeidr.djalma/?hl=pt> Trata-se um território das infâncias que atende bebês e crianças no município de Lauro de Freitas/BA numa perspectiva de uma educação antirracista.

4. <https://escolamariafelipa.com.br/>

Trata-se de uma escola afro-brasileira comprometida com a formação de cidadãos críticos, sensíveis e empáticos, que reconhecem a diversidade como fundamento da vida em sociedade. Desde a Educação Infantil, o trabalho pedagógico valoriza identidades, celebra ancestralidades e promove o respeito às diferenças como princípio ético e cotidiano.

1. Objetivo formativo

Elaborar coletivamente estratégias permanentes para uma Educação Infantil antirracista, articulando currículo, planejamento e cotidiano.

2. Questões disparadoras

Como transformar o que aprendemos nas rodas em ações continuadas? Que práticas curriculares precisam ser revistas? Quais projetos, histórias, músicas, brincadeiras e experiências podem fortalecer a ERER? Como avaliar se estamos avançando na construção de uma escola antirracista?

3. Materiais sugeridos

Textos de apoio, estudos de caso, textos, vídeos, literatura infantil afrobrasileira

Planejamentos anteriores;

Diário da Roda com registros das rodas 1, 2 e 3.

4. Movimentos da roda

Sistematização dos aprendizados das rodas anteriores.

Mapeamento das práticas que precisam ser transformadas.

Construção de compromissos coletivos.

5. Encaminhamentos possíveis

Elaboração de um plano de ação antirracista para o ano letivo.

Criação de indicadores de acompanhamento pedagógico.

Produção de um documento-síntese que poderá ser incorporado ao PPP da unidade.

CAPÍTULO 5

O REGISTRO COMO MEMÓRIA, ESTUDO E TRANSFORMAÇÃO

O registro é uma parte essencial da roda de conversa e ajuda a transformar a experiência em memória, estudo e ação. Ele permite que cada professora acompanhe seus pensamentos, perceba seus próprios deslocamentos, identifique dúvidas e tome consciência de questões relacionadas ao tema racial que surgem durante o diálogo. Registrar não significa apenas escrever o que foi dito, mas organizar ideias, reconhecer tensões, nomear sentimentos e produzir reflexão crítica. Cada professora pode manter um caderno, bloco ou arquivo digital individual em que registre falas que a tocaram, situações que geraram incômodo, ideias para rever práticas, perguntas que surgiram e aspectos que deseja retomar. Esse registro individual funciona como um material de estudo pessoal, que poderá orientar mudanças no cotidiano pedagógico e apoiar o planejamento.

Além da escrita individual, o grupo também pode produzir um registro coletivo, chamado aqui de Diário da Roda. A coordenação escolhe, a cada encontro, uma secretária ou ajudante responsável por registrar os principais pontos discutidos pelo grupo. Esse diário pode ser feito em formato físico ou digital e deve organizar informações como: temas centrais da roda, falas significativas, situações que ilustram desafios ou avanços, tensões e dúvidas, conceitos discutidos, encaminhamentos combinados, compromissos assumidos, sugestões de práticas e questões que precisam ser aprofundadas. O Diário da Roda, quando acumulado ao longo dos encontros, se torna um documento pedagógico importante, que pode subsidiar formações internas, revisão de planejamentos, construção de documentos da creche e acompanhamento das discussões ao longo do tempo.

É recomendável que esse diário possa ser consultado pelas professoras sempre que desejarem revisitá-la experiência. Caso o encontro ocorra *online*, gravações devem ser feitas apenas com autorização prévia das participantes, respeitando privacidade, imagem e segurança das informações. Os registros, tanto individuais quanto coletivos, podem ser organizados pela coordenação em pastas físicas, arquivos digitais ou mesmo em mural interno para uso pedagógico. Essa documentação ajuda a fortalecer a memória da formação e a criar um acervo que pode ser usado em estudos posteriores, reuniões pedagógicas, formações integradas e revisões de prática.

Assim, o registro cumpre diversas funções: ajuda o grupo a visualizar seus avanços; apoia a construção de planejamentos mais conscientes; fortalece a discussão coletiva sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais; dá visibilidade às situações de racismo percebidas no cotidiano; e permite que a roda produza efeitos reais no trabalho diário da creche. Registrar é um gesto formativo que sustenta a continuidade da formação e dá sentido político à experiência compartilhada.

CAPÍTULO 6

AVALIANDO O ENCONTRO: SENTIDOS,
FEEDBACKS E ENCAMINHAMENTOS

A avaliação da roda é parte do próprio processo formativo e não apenas o encerramento do encontro. Avaliar significa olhar para o que foi vivido, perceber o que mobilizou o grupo e identificar tensões, descobertas e aprendizagens. A avaliação ajuda a fortalecer o compromisso com a Educação das Relações Étnico-Raciais e permite que a roda produza transformações concretas na prática pedagógica.

A avaliação individual pode ser feita por escrito e permite que cada professora reconheça o que aprendeu sobre si, o que ainda precisa compreender melhor, que práticas percebe que precisam ser revistas, o que a emocionou ou inquietou e quais compromissos deseja levar para o cotidiano da creche. Essa escrita é um espaço seguro de reflexão e pode ajudar as professoras a perceber como estão se implicando no processo formativo. Esses registros individuais também podem, caso a professora deseje, ser compartilhados em outros momentos, contribuindo para discussões futuras.

A avaliação coletiva acontece em diálogo e permite que o grupo analise como foi participar da roda, quais movimentos aconteceram, quais resistências apareceram, o que facilitou a conversa e o que poderia ter sido diferente. Esse momento também é importante para que o grupo identifique que temas precisam ser aprofundados, que materiais podem ser estudados no próximo encontro e que práticas precisam ser transformadas no cotidiano. A avaliação coletiva pode incluir sugestões para melhorar o formato da roda, como ajustar o tempo da fala, incluir dinâmicas, trazer vídeos ou ampliar a participação de todas.

É fundamental que o grupo ofereça também um retorno para a pessoa mediadora ou coordenadora da formação. Esse *feedback* ajuda a aprimorar a condução das rodas, a identificar necessidades do grupo e a ajustar estratégias de mediação. As professoras podem indicar se sentiram-se acolhidas, se conseguiram falar, se houve escuta equilibrada, se a mediação favoreceu a reflexão crítica e se o encontro ajudou a compreender melhor a ERER. A coordenação registra essas percepções para que as rodas seguintes sejam ainda mais potentes.

Depois da avaliação, a coordenação pode organizar encaminhamentos como: selecionar novos temas, escolher textos, vídeos ou livros infantis, planejar práticas antirracistas para o cotidiano, dialogar com a gestão escolar sobre demandas identificadas; ajustar os objetivos da formação, e pensar em dinâmicas que favoreçam a participação de todas. A avaliação, assim, funciona como parte viva do processo formativo e ajuda a garantir continuidade, aprofundamento e compromisso político com a transformação das práticas pedagógicas. Desse modo, avaliar a roda é um ato coletivo que ajuda a expandir a consciência crítica, sustenta o processo de formação, orienta mudanças no cotidiano e alimenta a construção de uma educação infantil que combata o racismo e valorize todas as infâncias. É também uma devolutiva ética à experiência vivida, garantindo que cada encontro contribua para uma caminhada formativa coerente, sensível e transformadora.

CAPÍTULO 7

QUANDO A RODA NÃO TERMINA:
NOTAS DE FECHAMENTO

As rodas de conversa que compõem este guia não se encerram quando as cadeiras são afastadas ou quando os materiais são guardados. A roda continua porque ela é movimento, é continuidade, é aquilo que se prolonga nas práticas, nas escolhas e nas decisões que marcam o cotidiano da Educação Infantil. Quando uma roda de conversa se realiza com intencionalidade antirracista, ela deixa marcas que exigem registro, memória, compromisso e transformação. Quando as creches e pré-escolas assumem a educação para as relações étnicos raciais como princípio, ela deixa de depender do improviso e passa a sustentar uma política educativa baseada em estudo, diálogo, planejamento e coragem.

Coragem, palavra que atravessa tanto Paulo Freire quanto bell hooks nos lembra que “ensinar é um ato de esperança”, uma esperança que se manifesta quando educadoras se recusam a reproduzir opressões e escolhem, conscientemente, construir práticas libertadoras. Paulo Freire nos convoca a compreender que “a esperança é necessária, mas não suficiente: é preciso esperançar”. Esperançar, aqui, é verbo, é ação política, é compromisso cotidiano com a transformação. É agir para que todas as crianças, especialmente as negras e indígenas encontrem na escola aquilo que tantas vezes lhes foi negado: reconhecimento, respeito e pertencimento.

Assim, quando a roda não termina, é porque ela passa a habitar o trabalho da professora que reorganiza o canto da leitura com imagens mais diversas, da coordenadora que inclui a ERER na pauta da formação, da gestão que insere o tema no Projeto Político Pedagógico com a ampla participação da comunidade escolar, do grupo que decide não silenciar o racismo quando ele aparece entre as crianças, das mulheres que, sentadas em círculo, descobriram que suas vozes têm força para mover estruturas.

Que estas rodas sigam a produzir encontros, sustentem militâncias, despertem consciências e fortaleçam vínculos. Que sejam lembradas não como um momento isolado, mas como o início de um percurso que cada escola precisa assumir: o percurso de construir políticas, práticas e relações que afirmem as infâncias negras e indígenas como centrais, potentes e indispensáveis na formação do mundo que queremos. E que, em cada professora que lê este guia, alguma coisa se move, para que algo também se move nas creches e pré-escolas, nos territórios brasileiros e na vida das crianças.

Porque quando a roda não termina, é a educação que segue esperançando.

I PRÁTICAS TECIDAS NAS RODAS

As práticas apresentadas a seguir nasceram do movimento coletivo das rodas de conversa e trazem experiências concretas produzidas pelas professoras da creche, que decidiram transformar estudo, diálogo e reflexão em ações pedagógicas antirracistas voltadas às crianças pequenas, entre dois e quatro anos de idade. Cada proposta respeita as necessidades, ritmos, cuidados e interesses das crianças e afirma o compromisso das professoras com uma Educação Infantil que valoriza identidades, amplia repertórios, fortalece autoestima, combate desigualdades e cria condições para que as infâncias negras e indígenas sejam reconhecidas como potentes e dignas. O objetivo deste conjunto de práticas não é oferecer modelos a serem copiados, mas inspirar outras educadoras a criar, com sensibilidade e criticidade, experiências que ajudem as crianças a construir referências positivas sobre si e sobre o outro, sempre de modo a assegurar proteção, integridade, afeto e respeito às diferenças. Aqui, reunimos parte do que floresceu nas rodas através de propostas que expressam o desejo das professoras de transformarem suas práticas e de assumirem a educação antirracista como compromisso cotidiano.



DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

Nessas propostas, as professoras utilizaram o livro *Meninas Negras*, de Madu Costa, como ponto de partida para discutir identidade, autoestima e respeito às diferenças. A proposta incluiu um contexto investigativo com o espelho, no qual as crianças observaram seus traços e expressaram como se veem. As professoras também exibiram vídeos de Rebeca Andrade, de meninas ginastas da seleção brasileira e da skatista Raíssa Leal, o que ampliou as referências positivas sobre a beleza e a potência dos corpos negros. Para completar a proposta, organizaram brincadeiras com varinhas com fitas coloridas que estimularam o lúdico, a expressividade e a corporeidade, ao fortalecer a construção da autoestima e o reconhecimento das diferenças entre as crianças.



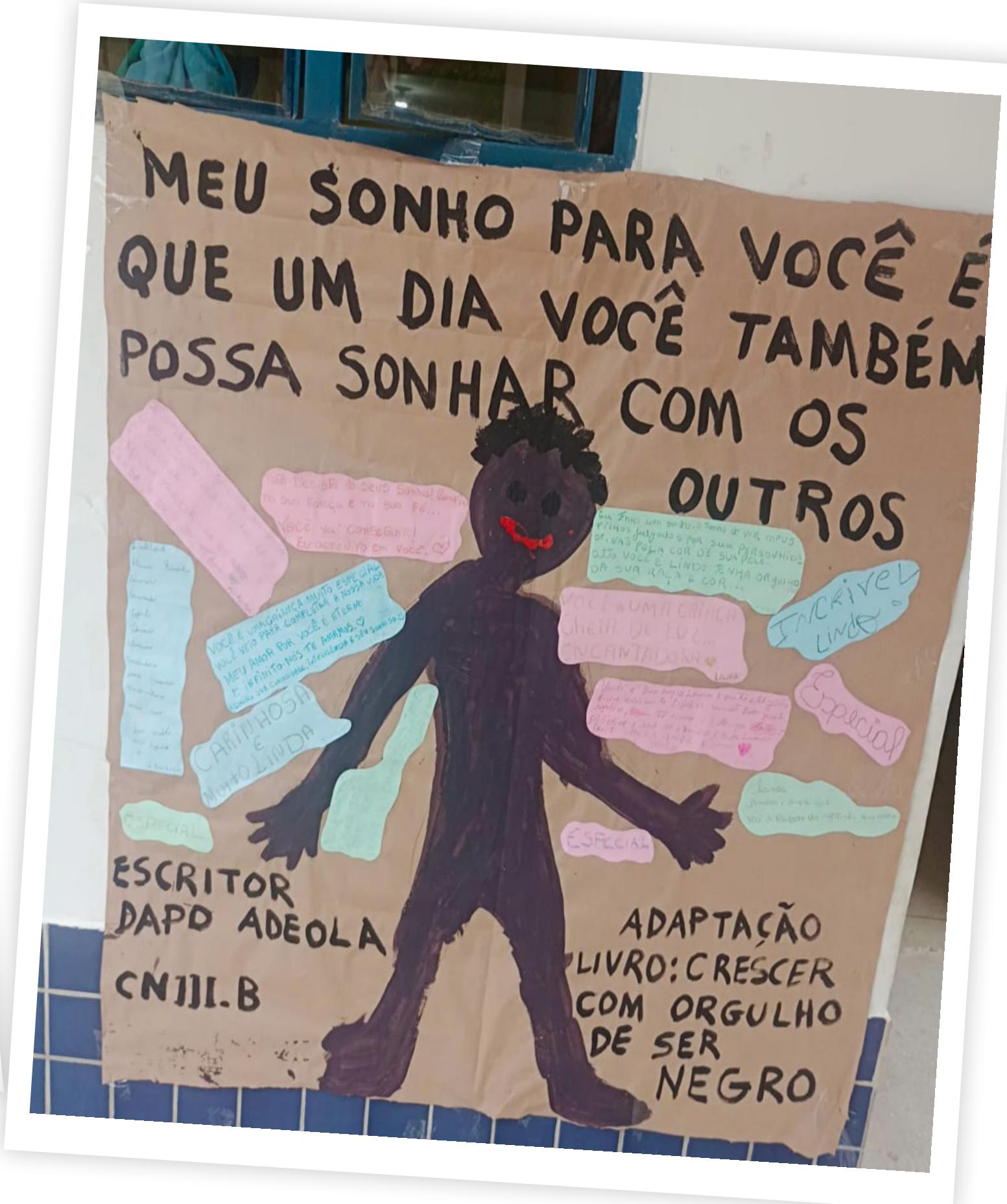
DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

Nessas propostas com instrumentos sonoros afroindígenas e artesanato produzido por indígenas Pataxós da Costa do Descobrimento, as professoras ampliaram o repertório cultural das crianças pequenas, aproximando-as de saberes ancestrais por meio do toque, da escuta e da observação das imagens e objetos expostos. A experiência tornou-se um convite a reconhecer a presença viva das culturas indígenas e afro-brasileiras no território.



DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

Nessa proposta, as professoras organizaram um espaço de brincar com panelinhas, fogão marcado pela diversidade com bonecas negras e brancas. O cuidado com a construção da autoestima das crianças em dizer frases afetuosas, como “vocês são lindas, nós somos lindas”, reforçaram a importância de que todas se vejam representadas e valorizadas. As abayomis e os instrumentos musicais também são importantes instrumentos para exploração das crianças. Esses contextos tornaram o brincar um território de afirmação, onde identidade, afeto e pertencimento caminham juntos.



DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

A proposta da professora, partiu da leitura do livro **Ei, Você!**, de **Dapo Adeola**, que trabalha o orgulho de ser negro e incentiva as crianças a reconhecerem a beleza da diversidade. A proposta envolveu também as famílias, que enviaram mensagens afetuosas para os filhos, compartilhadas em um mural coletivo. Como fechamento, professoras, famílias e crianças produziram uma faixa com a mensagem de que as diferenças nos fortalecem, reafirmando que a creche é espaço de acolhimento, respeito e construção de identidades positivas.



DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

As professoras criaram contextos investigativos com alimentos presentes na cultura indígena, utilizaram carvão para produção de grafismos, pinturas com tintas naturais preparadas com terra e raízes e realizaram a contação da lenda do João de barro. Um convite para a exploração de texturas, cores e significados pelas crianças. Essas experiências aproximaram as crianças pequenas dos modos de viver dos povos originários, valorizando saberes que fazem parte do território e da história local.



DESCRÍÇÃO DA PROPOSTA:

A professora leu e contou a história de **O Pequeno Príncipe Preto**, de **Rodrigo França**, o que permitiu que as crianças recontassem com suas palavras e imagens. Com o auxílio da professora, o grupo confeccionou um baobá com papel machê a partir de cartela de ovos e cola, explorou canudos de jornal para modelar os bonecos do Príncipe Preto, trabalhou esquema corporal ao montar e pintar as figuras, experimentaram texturas e formas, e assim ampliaram o vocabulário estético. Ao longo da proposta, a turma discutiu valores como afetividade, respeito às diferenças e circularidade, inspirada no princípio do **Ubuntu** ,“eu sou porque nós somos”, fortalecendo o pertencimento, a coletividade e o reconhecimento das identidades.

| SOBRE AS AUTORAS

GLEIDE FERREIRA DE JESUS

Mestranda do curso de Ensino e Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPGER) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), especialista em Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) e licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

Atuo como professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Porto Seguro (BA), onde desenvolvi uma pesquisa de mestrado voltada à formação de professoras da educação infantil por meio das rodas de conversas, compreendendo-as como espaços de escuta, partilha e construção coletiva de saberes.



ELIANA PÓVOAS PEREIRA ESTRELA BRITO

Professora Titular da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), atua nos Programas de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES) e em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), onde pesquisa e orienta trabalhos no campo do currículo em abordagens pós-críticas e das políticas educacionais. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Políticas e Currículos Pós-Críticos (GEPEPC/CNPq). É doutora e mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pedagoga pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG). Atua na docência e na pesquisa nos campos do currículo, diversidade e formação docente, com ênfase nas políticas de formação de professores.



| REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. Infância, raça e “paparicação”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9WVgvj/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

BEDIN, Everton; DEL PINO, José Claudio. Rodas de conversa na universidade: formação docente tecnológica em Ciências: metodologias de cunho interdisciplinar. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE FORMACIÓN DE PROFESORES DE CIENCIAS, 7., 2016, Bogotá. Memorias... Bogotá: Facultad de Ciencia y Tecnología/Universidad Pedagógica Nacional, 2016. p. 1413-1419.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 jan. 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 mar. 2008. Altera a LDB para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, 2010.

CARNEIRO, Sueli. Racismo na educação infantil. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-na-educacao-infantil-por-sueli-carneiro/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

CATANI, Denice Barbara; DIAS, Lucimar Rosa. No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001586863>. Acesso em: 14 de março de 2025.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; PRADO, José Henrique; SANTINO, Fernando Schlindwein. Interculturalidade e infância indígena no contexto urbano: concepções de professoras da Educação Infantil. *Interações*, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/B3LCbXDcNRYFZRhb3WZCqjb/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

CMEI Dr. Djalma. Página institucional no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/cmeidr.djalma/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

COSTA, Samara da Rosa; PEREIRA, Sara da Silva; DIAS, Lucimar Rosa. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. *Revista da ABPN*, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. *Panorama da primeira infância: o que o Brasil sabe, vive e pensa sobre os primeiros seis anos de vida*. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino. *Um olhar além das fronteiras-educação e relações raciais*. São Paulo: Autêntica, 2017.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IVAZAKI, Ana Claudia Dias; MELO, Margareth Maria de. *Bonecas negras: trabalhando a diversidade cultural na educação infantil através do lúdico*. Disponível em: <https://encurtador.com.br/asHx>. Acesso em: 07 mar. 2025.

LUNETAS. 30 conteúdos para a prática de uma educação antirracista. Disponível em: <https://lunetas.com.br/serie/serie-educacao-antirracista/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, Petronilha Gonçalves e. *Ações afirmativas e educação*. Brasília: MEC, 2003.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hsJo>. Acesso em: 1 ago. 2024.

UNESP; UNIVESP. Educação infantil: cuidar, educar e brincar. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/wnrJzJCnAr8>. Acesso em: 25 abr. 2025.

VENERE, Mario Roberto; VELANGA, Carmen Tereza. A criança indígena e a educação infantil. *Tellus*, 2009. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/167>. Acesso em: 25 abr. 2025.

VIDIGAL, Fundação Maria Cecilia Souto. *O que é primeira infância?* YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ttJtRokJJlk>. Acesso em: 17 jun. 2025.

YOUTUBE – Inspira Fundo. *Brinquedos antirracistas – AMORAS*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oXGtmtezFjo>. Acesso em: 16 ago. 2025.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: conversas, conflitos e aprendizagem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Publique com a gente e
compartilhe o conhecimento



www.letraria.net



 Letraria®